

**CLÓVIS
DE BARROS**

親切

**SHINSETSU
O PODER DA
GENTILEZA**

**SHINSETSU
O PODER DA
GENTILEZA**

**CLÓVIS
DE BARROS**

親切

**SHINSETSU
O PODER DA
GENTILEZA**

 Planeta

Copyright © Clóvis de Barros Filho, 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.

Preparação: Carla Fortino
Revisão: Maria Aiko Nishijima e Ceci Meira
Diagramação: Futura
Capa: André Stefanini
Adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Barros, Clóvis de
Shinsetsu: o poder da gentileza / Clóvis de Barros. -- São Paulo:
Planeta do Brasil, 2018. 272 p.

ISBN: 978-85-422-1306-5

1. Gentileza 2. Cortesia 3. Bondade 4. Filosofia I. Título.

18-0704

CDD 177.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Gentileza

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - AFASTAR O DANO, A TRISTEZA E O INCÔMODO!

CAPÍTULO 1 – SUNTSU E SHINSETSU

CAPÍTULO 2 – ARREPENDIMENTO MAIOR

CAPÍTULO 3 – FICHA TÉCNICA

CAPÍTULO 4 – *WOULD YOU MIND IF?*

CAPÍTULO 5 – ANGÚSTIA EGOÍSTA

CAPÍTULO 6 – PÁSCOA SEM CABANA

CAPÍTULO 7 – LEVEZA E SISUDEZ

CAPÍTULO 8 – FOFOCA COM CAFEZINHO

CAPÍTULO 9 – LIQUIDEZ MORAL, SOLIDEZ MORALISTA

CAPÍTULO 10 – MATÉRIA, SÍMBOLO, MATÉRIA

CAPÍTULO 11 – POLIFONIA DISCURSIVA

CAPÍTULO 12 – ARENA DE LUTA

CAPÍTULO 13 – *DÉCADENCE AVEC ÉLÉGANCE*

CAPÍTULO 14 – EU COMIGO MESMO

CAPÍTULO 15 – OLHANDO ASSIM, NINGUÉM DIRIA!

CAPÍTULO 16 – UMA AÇÃO, DUAS RAZÕES

CAPÍTULO 17 – TEMPERAMENTO E CARÁTER

CAPÍTULO 18 – MIDAS, ROSAURA E O PAI DE SANTO

CAPÍTULO 19 – GOTAS DE JÚBILO PARA MELANCÓLICOS

CAPÍTULO 20 – O SÁBIO NADA SABICHÃO

CAPÍTULO 21 – ENSINAR A PENSAR

CAPÍTULO 22 – TOMA LÁ, DÁ CÁ

CAPÍTULO 23 – LUZES CEGAS DA CIDADE

CAPÍTULO 24 – ANEL DE CANALHA

CAPÍTULO 25 – MORAL SEM CELULAR

CAPÍTULO 26 – GENTILEZA GERA GENTILEZA. QUEM DERA!

CAPÍTULO 27 – A HORA DA ESTRELA

CAPÍTULO 28 – MUROS, JARDINS E PRIMAVERAS

CAPÍTULO 29 – A METADE DO MEIO-IRMÃO

CAPÍTULO 30 – BOMBAS NÃO SÃO MORANGOS

CAPÍTULO 31 – EM CADA UM, A FACE DE DEUS

CAPÍTULO 32 – REMÉDIO AMARGO

CAPÍTULO 33 – OUTRO POR TODA PARTE

CAPÍTULO 34 – BLOQUEIA ESSE CARA DE UMA VEZ

CAPÍTULO 35 – O OUTRO É MISTÉRIO

CAPÍTULO 36 – AS PALAVRAS E AS COISAS

CAPÍTULO 37 – O INFERNO TÁ CHEIO

CAPÍTULO 38 – SERVE PRA QUE MESMO?

CAPÍTULO 39 – EU, INÚTIL? COMO ASSIM?

CAPÍTULO 40 – PRESENTES DO MEU PAI

CAPÍTULO 41 – OLHOS PARA COLÍRIOS

CAPÍTULO 42 – O MALA DO ANO

CAPÍTULO 43 – DÁ PRA SOMAR FELICIDADES?

CAPÍTULO 44 – AGRADAR A TODO MUNDO NÃO DÁ!

CAPÍTULO 45 – OPS! FOI MAL!

CAPÍTULO 46 – ISAURA: O INSTRUMENTO REBELDE

CAPÍTULO 47 – O EVEREST É LOGO ALI

CAPÍTULO 48 – BARRADOS NO BAILE

CAPÍTULO 49 – MAMATA TEM LIMITE

CAPÍTULO 50 – CADA UM POR SI, E PRONTO!

CAPÍTULO 51 – ALGO PRA ODIAR. URGENTE!

CAPÍTULO 52 – BERÇO ESPLÊNDIDO DO ÓDIO

CAPÍTULO 53 – CARA GENTE FINA!

CAPÍTULO 54 – ME DEIXA! PEL'AMOR

CAPÍTULO 55 – PIMENTA NOS OLHOS DOS OUTROS

CAPÍTULO 56 – KANT OUTRA VEZ!

APRESENTAÇÃO

Afastar o dano, a tristeza e o incômodo!

Mario Sergio Cortella

Clóvis é um docente! Um estupendo docente! Eu o sei por já ter assistido a várias explanações dele, presencial e virtualmente, na fala e na escrita. E, como também sou docente, posso apreciar, admirante e aprendente, a arte que domina com literal maestria.

Clóvis é um docente, e, como alguém que deseja o Bom e o Belo, é um “docente decente”, e não apenas um ensinante casual ou um instrutor domesticante; ele gosta que

aprendamos com ele (adora ensinar!), e, é claro, isso só é possível porque aprende bastante com outras pessoas e nelas presta atenção. Como gosto de reafirmar, só é um bom ensinante quem for também um bom aprendiz!

Por isso, Clóvis foi aprender durante bastante tempo sobre “gentileza” e agora pode nos ensinar um pouco mais sobre essa virtude que não pode se rarefazer na nossa convivência e, antes de tudo, permite que as relações entre as pessoas ganhem densidade simpática e colaboração sistemática.

A gentileza precisa e pode ser exigida, aprendida, ensinada, praticada, protegida e partilhada; essa é uma série de ações que nós, de alguma maneira, docentes ou não, mas sempre educadoras e educadores, temos de exercer em nosso cotidiano.

É exatamente com isso que Clóvis impregna este livro: colocar a Gentileza como Exigência, Aprendizado, Ensino, Prática, Proteção e Partilha!

Ele não usa os conceitos e as ações nesse modo como acima indiquei, abstrato; o faz por meio de uma figura central preñe de outras histórias, tecidas a partir de uma

personagem nipônica decisiva: Shinsetsu (a própria Gentileza).

Esse modo narrativo faz com que educadoras e educadores (na Família, na Escola, na Empresa etc.) tenhamos um poderoso inventário de situações que fazem com que essa virtude, Gentileza, mais do que uma requisição social, venha para nós como um desejo, e é a partir deste que podemos e devemos encantar especialmente as crianças e os jovens de que de múltiplas maneiras cuidamos.

Clóvis mesmo esclarece nos princípios: “Por que um livro sobre shinsetsu? Por acreditar que enriquece a reflexão sobre a vida. Problematisa valores. Questiona obviedades. Critica evidências aparentes. Em especial nas sociedades que definiram o sucesso de cada um como referência maior para atribuição de valor às pessoas e suas vidas”.

Questionar, aprender e ensinar, de forma que alteremos com uma ética saudável o que, de fato, significa sucesso e êxito na Vida! Tudo para que possamos acolher com maior nitidez o que é real-mente uma pessoa valorosa!

Essa é uma das trilhas mais urgentes para a educação e para as pessoas que nela existimos, e Clóvis nos fortalece o argumento e a competência.

Nos 56 capítulos deste livro, plenos de ciência, literatura e filosofia, tenho um trecho predileto: o jeito com que Clóvis, entusiasta como eu pela cultura japonesa, conseguiu traduzir como “gentileza” o termo “shinsetsu”:

O que é shinsetsu? Trata-se de uma forma particular de pensar para agir em convivência. Segundo a qual a existência de qualquer pessoa – em interação real ou potencial com quem age – é fator relevante na definição dos limites que este agente se imporá para evitar-lhe dano, tristeza ou incômodo.

Evitar produzir em outra pessoa dano, tristeza ou incômodo! Queremos outra atitude na Vida partilhada do que essa convicção a ser transformada em reciprocidade?

Temos de incorporar nos requisitos de uma docência decente o nosso compromisso em ajudar a formar pessoas que façam o seu melhor para não produzir voluntariamente nas outras pessoas (e em si mesmas) dano, tristeza ou incômodo!

Não é por acaso ou desvio de estilo que coloquei tantos pontos de exclamação nesta Apresentação; é porque

realmente a intenção ética das ideias e orientações entusiasma e nos faz, ainda mais, entender por que Clóvis de Barros Filho é tão superlativo.

Assim, com alegria, só posso agradecer ao professor Clóvis por ter persistido em proteger o poder da Gentileza com um *domo arigatou gozaimasu!*

CAPÍTULO 1

Suntsu e Shinsetsu

Suntsu é chinês. Shinsetsu é japonesa. O primeiro é bem masculino. A segunda é mais para o feminino. Sem ignorar mulheres guerreiras, como a minha. E homens gentis e respeitadores. Como procuro ser quase sempre. Não há certeza de que tenha havido um militar de nome Suntsu. Pode ser apenas uma personagem, como Shinsetsu neste livro.

Suntsu não quer dizer guerra. Ensina a arte da guerra. Shinsetsu não quer dizer paz (*heiwa* em japonês). Ensina a arte da paz. Suntsu é o que está em nossas mãos para fazer a guerra de um jeito eficaz. Shinsetsu é o que está em nossas mãos para fazer a paz, também de um jeito eficaz.

Suntsu é um estilo de combate. Shinsetsu é um estilo de harmonia. Quem age em Suntsu respeita princípios. Quem age em Shinsetsu também. Suntsu busca a vitória sobre o adversário. Shinsetsu busca a felicidade do outro. Ambos perseguem resultados.

Suntsu é usado em cenários específicos de conflito e luta; Shinsetsu, em cenários de solidariedade. Suntsu manda ocupar o campo de batalha antes do adversário. Shinsetsu sugere conceder o posto mais cômodo para o outro. Suntsu age, em guerra, defendendo os interesses da nação. Shinsetsu age, em paz, protegendo os interesses da humanidade.

Suntsu manda o líder conhecer os subordinados para tirar deles o melhor de suas competências. Em busca da vitória. Shinsetsu sugere considerar qualquer outro, conhecer suas forças e fragilidades, para, se possível, ajudá-lo a se tornar uma pessoa melhor. Em nome de uma convivência harmônica entre todos.

Suntsu e Shinsetsu não são conceitos filosóficos. O livro que segue não é de filosofia. Seu autor não é, nunca foi e nunca será filósofo. Suntsu já tem literatura. Shinsetsu ganha agora estas páginas que você está lendo.

CAPÍTULO 2

Arrependimento maior

Em mais de cinquenta anos de vida, o mundo nunca saiu da minha frente. E a vida foi vivida assim. Sempre assim. Com o mundo diante de mim, aos lados e supostamente também atrás. Imagino que continue desse jeito até o final. Em interação com ele. Com seus corpos, suas coisas. Viver é relacionar-se. Toda blindagem é ilusória.

Pode ser que haja mais coisas. Além das marcas que o mundo imprime no corpo e na alma de quem nele vive. Recursos que já tenham nascido comigo. Anteriores, portanto, às primeiras experiências. Como talentos naturais ou ideias inatas e um certo jeito de pensar. Mas a interação

com outros corpos, essa não acaba. Enquanto vida houver. E mesmo depois. Quando só houver putrefação.

Agora mesmo, neste instante, estou digitando este texto que você está lendo. Domingo à tarde. Em casa. No quarto, sentado na cama. O mundo não tira folga. Além da casa, do quarto e da cama tem o colchão. Macio demais para essa atividade. Tem também o ar que chega até o meu corpo. É condicionado. Vem da máquina lá em cima. Alivia o calor de fora. Tanta coisa num segundinho de vida.

Mas ainda não acabou. A TV ligada no futebol diminui a solidão. Não importa quem esteja jogando. A luz da tela vai cansando a vista. O teclado é suave. As crianças do vizinho de cima ainda brincam com bolas de gude. Em chão de madeira. Meias de futebol, bermuda e camiseta cobrem e atritam pedaços de mim.

Tudo isso, no mesmo instante. Ao mesmo tempo. Interagindo comigo. Como se fossem vetores de realidade a incidir sobre o meu corpo. A afetá-lo e transformá-lo. Alguns, melhorando a vida. Outros, enervando, irritando,

entristecendo. A experiência vivida é meu corpo afetado pelo resto. O tempo todo.

Ar-condicionado, colchão, tela, teclado, roupas e bolas de gude. Em meio a tudo que me afeta, ficou faltando uma pessoa. Que também está no quarto. Arrumando seu armário. Em silêncio. Num roupão lilás que de vez em quando capta minha atenção. A esposa, fisioterapeuta Marina, também é “outro”. Faz parte do mundo em relação com meu corpo.

Mas todos sabemos: Marina é um outro diferente dos outros citados anteriormente. É outro porque não é eu. Nem idêntica a mim. Mas tem um estatuto diferente de um pijama, um computador ou bolinhas de gude. Marina é – digamos assim – como eu.

Talvez, por isso, os franceses chamem de *autre* todas aquelas coisas e de *autrui* a esposa. Ou qualquer outra pessoa. Essa distinção nos ajudaria no português. Afinal, neste livro vamos falar sempre da relação com *autrui*, e nunca com *autre*.

Nestes 52 anos, em muitos instantes de vida, a somatória de tudo que me afetou foi francamente negativa. Produzindo sensações mais para desagradáveis. Queda de potência. Renúncia provisória e parcial a continuar

resistindo. Desistência momentânea de insistir. Tristeza reinando soberana.

Entre todos esses incontáveis instantes, muitos “saíram na urina”, como dizia meu pai. A memória do coração parece mesmo dar primazia às boas lembranças. Eliminando primeiro as mais dolorosas. Sem esse artifício, o passado seria insuportável. Registros deslocados para fora da consciência. Expulsos da mente. Cuidadosamente recalçados. Convidados a se retirar com firmeza e discrição.

E faz sentido. Se tudo na vida é esforço para perseverar no ser, algo em cada um de nós luta para tirar da cabeça o que apequena, machuca, faz sofrer. Pondo outra coisa no lugar. Um pouco melhor, de preferência. Minha avó, já vivida, previa um pouco diferente: na tentativa de curar a tristeza de um abandono, costuma vir outro pior.

Algumas tristezas parecem mais resistentes. Fazem lembrar David Hume, que compara os afetos à harpa (instrumento de corda), e não à corneta (instrumento de sopro). Sim, porque os efeitos do mundo sobre nosso corpo duram mais tempo do que o dedilhar que lhes deu causa. Ao passo que a corneta só soa enquanto houver sopro. O mundo

nos afeta, e a harpa de nossas sensações segue vibrando por mais tempo.

Há, para mim, e aqui falo mesmo só de mim, um tipo de tristeza dura de digerir. Não são as dores físicas. Tampouco os grandes e numerosos fracassos que pude protagonizar. As rejeições – em especial as amorosas –, essas também sempre as tirei mais ou menos de letra.

Para mim, a tristeza grudada por excelência surge em situações nas quais – ao agir – poderia ter considerado a presença de alguém e não o fiz. Causando, por isso, tristeza, desconforto, dor, insegurança etc.

Um pedido de perdão sincero não basta para aliviar minha barra. Fico com aquilo engasgado. Ser causa da tristeza do outro – por falta de atenção, preguiça, comodidade, ou por conta do atropelo egoísta na caça dos pequenos sucessos do cotidiano, e ter plena consciência disso, produz em mim um afeto brochante e de vibração duradoura na harpa de minhas emoções.

Por isso, quando me perguntam sobre arrependimento, respondo sempre que – nas inúmeras decisões que já tomei – ter podido ser menos entristecedor e não ter aproveitado a chance é, sem dúvida, o que mais lastimo.

Assim, no meu caso, aprender a considerar a presença de quem quer que seja como um potencial afetado pelas minhas decisões práticas representou um primeiro importante passo para a busca de uma vida feliz em qualquer coletivo de que faça parte. Sinto-me muito bem toda vez que uma intervenção minha afeta alegremente. Seja quem for. Empatia, simpatia, amor. Chame como quiser.

CAPÍTULO 3

Ficha técnica

Categoria gramatical

Shinsetsu admite a forma substantiva, adjetiva e adverbial. Assim, como exemplo de substantivo, no primeiro caso, “shinsetsu é um dos mais relevantes atributos da cultura japonesa”. No segundo caso, na forma adjetiva, fulano de tal “é uma pessoa muito shinsetsu”. E finalmente, como advérbio, não é incomum frase do tipo “ele shinsetsumente me ajudou a carregar a bagagem até o trem”.

Qual a tradução para o português?

Facilitaria se esse vocábulo correspondesse com fidelidade a uma única palavra do nosso idioma. Mas não é o caso. Por

isso um livro com tantas páginas, no lugar de uma única linha de dicionário. Shinsetsu faz pensar num mosaico de significados que precisam ser reunidos. Um quebra-cabeça. Sentidos que se interpenetram – e invaginam – em delicada justaposição e complementaridade.

Fragmentos de sentido

Antes de mais nada, shinsetsu é objeto de consideração. Na hora de deliberar sobre o que fazer, todo agente considera muitas coisas: suas forças, competências, posição, fragilidades, que está chovendo, que tem trânsito, que já está escuro, que é perigoso etc.

Em meio a todas essas, há uma consideração que se destaca, que tem primazia sobre as demais. Maior valor. Que, em caso de conflito, deve prevalecer. Tão especial que a espécie engole o gênero. Quando alguém diz “tenha consideração” e não especifica qual, será sempre dessa que está falando. Consideração por alguém, pelo outro. Por alguma pessoa que poderá vir a ser afetada. Alguém que integra a mesma humanidade que o agente.

De fato. Decidir o que fazer pode ter a ver com o outro. Com a posição que ocupa. Com o que vai pensar. Com o juízo

que fará do agente. Com o que vai sentir. Com seus afetos. Com sua alegria, tristeza, temor, esperança, dor, excitação. Em suma, com tudo que nele poderá decorrer da ação. Melhorar ou piorar a vida. Sim, piorar também.

Afinal, considerar não é só proteger ou evitar algum mal. Quem odeia também considera. Para infligir conscientemente sofrimento a alguém também é preciso considerá-lo. Por isso, shinsetsu, que não combina muito com fazer sofrer, vai muito além da simples consideração. Tem a ver com gentileza. Com um gesto que alivia. Com uma palavra que conforta.

Mas não só. Shinsetsu é mais do que agir gentilmente. É também amabilidade. Agir de maneira amável. Suficiente para tornar o agente, naquele instante, amado por alguém. Implica um reconhecimento afetivo por parte do outro. Agir amavelmente é criar condições para o amor. Dar à luz uma possibilidade amorosa.

Alguém argumentará que só um japonês, imerso na sua cultura, pode compreender em profundidade o que shinsetsu quer dizer. E estará coberto de razão. Mas este livro não é escrito por um japonês. Seu autor é brasileiro, e sua

perspectiva será definitivamente marcada por este dado de realidade.

Trata-se de um olhar assumidamente externo. De um curioso. Apaixonado por uma cultura que não é a sua. Admirador de muitos de seus aspectos. Por isso, tudo que para mim é surpreendente e encantador para um nativo talvez não passe de obviedade.

O que é shinsetsu?

Na falta de sinônimos, tentemos uma definição. Trata-se de uma forma particular de pensar para agir em convivência. Segundo a qual a existência de qualquer pessoa – em interação real ou potencial com quem age – é fator relevante na definição dos limites que este agente se imporá para evitar-lhe dano, tristeza ou incômodo.

Por que um livro sobre shinsetsu?

Por acreditar que enriquece a reflexão sobre a vida. Problematiza valores. Questiona obviedades. Critica evidências aparentes. Em especial nas sociedades que definiram o sucesso de cada um como referência maior para atribuição de valor às pessoas e suas vidas.

Toda a glória para quem alcançou o que queria. Bateu metas. Teve êxito. Foi bem-sucedido. O troféu obtido diz tudo. Capa de revistas de negócios. Legitimidade indiscutível. Merecedor ou merecedora de aplauso. Bom partido para matrimônios. Amizade a cultivar. Capital relacional a rentabilizar.

Muitas vezes quem chega a ocupar posições tão consagradas acaba se empenhando em apagar o caminho percorrido para tal. Sua parte menos confessável: as traições, as mentiras, as emboscadas, as puxações de tapete.

Shinsetsu é uma forma particular de viver. Em que a própria felicidade não é tudo. Uma forma particular de interagir em que a dominação é secundária. Uma forma particular de agir em que o valor do resultado pretendido vai além do próprio ganho. Porque recuar ou intervir é decisivo para alguém mais além do agente. Para o outro. E, assim, para a humanidade a que pertencemos.

CAPÍTULO 4

Would you mind if?

“Você se incomodaria se eu recuasse o encosto da minha poltrona?”, pergunta um passageiro japonês, sentado à minha frente, logo após a decolagem. O voo era de Tóquio para Pequim. O sotaque carregado truncou a mensagem. Fiz cara de incompreensão. Ele repetiu. Agora com pausas e articulando melhor.

Não havia mais dúvida. O jovem japonês queria mesmo saber quanto recuar o assento da poltrona me molestaria. E permaneceu virado para trás. Esperando minha reação. Condicionou sua manobra à minha resposta. Só recuaria se eu lhe garantisse que tava de boa. Inquiria se o deslocamento pretendido, bem como a ocupação de espaço decorrente, não

determinaria em mim algum tipo de tristeza ou queda de potência.

Meio no reflexo balbuciei um “that’s ok”.

“Are you sure?”, insistiu.

“Sure.”

Sorriu e virou-se. Angulou ligeiramente o encosto. Menos do que poderia.

Em poucos segundos, tinha vivido experiência de grande valor. Sou daqueles que se encantam mais por pessoas e suas atitudes do que por outras atrações do mundo. Adepto de um turismo de convivência.

Ali, no interior daquela aeronave, alguém tinha considerado meus afetos na hora de agir. Inquiriu sobre minhas alegrias e tristezas para colocá-las em posição de força – perante o próprio conforto – na sua equação deliberativa.

Não se contentou com o sentido mais imediato da resposta. Duvidou da sinceridade. Aquele “that’s ok” foi significado segundo o complexo *Japanese way of meaning*. E traduzido por “vai ficar mais apertado do que já está. E a vida durante o voo pior do que já seria se você não reclinasse”. Por isso recuou só um tiquinho. Para não me

ofender com sua incredulidade. E assegurar o conforto de que eu falsamente abdicara.

Experiência de grande valor, sim senhor. Também pelo aprendizado, que poderá se traduzir em práticas futuras. Diferentes e melhores. Em convivência aperfeiçoada. Do ontem para o amanhã.

Anos de vida viajante, palestrando sobre ética cada dia num canto de meu país-continente. Avião todo dia. Milhagens a mil. Deixando-me cair nos assentos marcados e recuando encostos com a rudeza de quem percebe o mundo com princípio e fim em si mesmo, no próprio prazer, conforto e ganho.

Com a alimentação exagerada de todos os dias, excessos estocados em gordura abdominal, instalar-me no 2C, deixando a gravidade fazer seu papel, reclinar a poltrona com a violência que a massa corporal permite, abrir o cinto, dar às células de gordura um lugar no mundo, onde possam ocupar posição sem constrangimentos, é procedimento automático. Um hábito aeronáutico.

Quanto ao ocupante do 3C... bem, esse nunca foi levado em conta. Após a aterrissagem, na hora de recuperar a

bagagem nos compartimentos superiores, quem sabe um olhar de relance. De indiferença.

Aquele passageiro japonês, *nihonjin* como eles dizem, tinha me ensinado coisa preciosa. O que minha mãe, dona Nilza, chamaria de ‘bons modos’. Um jeito melhor de se portar. De agir. De interagir. De conviver. De viver com o outro. Segue minha mãe: “As outras pessoas estarão sempre por perto. A vida é com elas. Não tem felicidade sem elas. Tratar mal os outros machuca a alma”. E concluía, profetizando: “O que você não aprender aqui em casa vai acabar aprendendo na rua”.

O tom de ameaça indicava que dona Nilza não se referia à gentil oriental e seus sorrisos. Mas a profecia materna, ali na aeronave, mais uma vez se convertera em corpo, em matéria, em energia, em afeto, em sabedoria. Afinal, a minha presença fora considerada relevante por alguém que, embora não me conhecendo, condicionou sua vida daquele instante à minha. E, ao fazê-lo, perdeu pleno controle sobre seu devir imediato. Ficou, por decisão sua, na minha mão.

Daquele dia em diante, nos últimos dois anos, nunca mais reclinei o encosto de meu assento sem consulta prévia ao ocupante de trás. Alguns aproveitaram para conversar

sobre qualquer coisa. Outros me ignoraram. Mas houve quem tenha tomado minha iniciativa por zombaria, chacota, tiração de sarro. Ou até uma afronta.

Como toda mensagem, a ação em shinsetsu é enunciada e recebida. Nada garante que o receptor destinatário de nossa ação a interprete a partir das mesmas premissas que usamos para deliberar. Por vezes vale o dito popular: cada cabeça, uma sentença.

CAPÍTULO 5

Angústia egoísta

Ao agir em shinsetsu, o passageiro japonês condicionou sua ação a uma resposta minha, cujo teor eu ignorava no momento em que me fez a pergunta. Podemos dizer que essa opção – por considerar a minha resposta vinculando a ela seu comportamento – é um risco que outros menos shinsetsu não se obrigam a correr. Mas isso não significa necessariamente vida mais fácil. Isenta de dúvidas ou dilemas existenciais.

Imagine comigo, querido leitor, outra cena. Diferente da narrativa anterior. Agora tudo é só criação da mente. Continuamos no mesmo voo. O japonês se senta e, claro, tem a prerrogativa de reclinar o encosto da poltrona. É direito seu

apertar o botão. Então, sem virar para trás, sem dar bola para ninguém, ele considera o conforto esperado pela nova angulação.

“Que beleza. Com a poltrona reclinada e um copinho de vinho, vou dormindo até lá. Só acordo com o tranco da aterrissagem.”

Quase ao mesmo tempo, lembra-se de recomendação ortopédica postural. Apoie o peso do tronco sobre os ísquios, e não sobre a lombar. Quanto mais reto, melhor.

Após trinta segundos de postura impecável... “São sádicos esses fisioterapeutas e ortopedistas. Gostaria de vê-los no meu lugar. Não há quem aguente tanto tempo sentado como se estivesse amarrado a um cabo de vassoura.”

“Mas talvez seja melhor tentar um pouco. Da outra vez, houve relaxamento, e, no dia seguinte, lembro bem: não podia me mexer. Hérnias lombares são implacáveis para quem tem que fazer uma viagem internacional por semana.”

O que fazer? Escolher quase nunca é fácil. Se não houvesse escolha, como numa poltrona de encosto fixo, sua mente já estaria ocupada com outra coisa. Por outro lado, se o travamento da poltrona dependesse só dele – em infinitas

angulações possíveis –, talvez chegasse a Pequim sem ter decidido nada.

Nesse segundo caso, imaginado por nós, a decisão do passageiro não leva em conta mais ninguém além de si mesmo. Confronto entre seu próprio bem-estar imediato e o do dia seguinte. Uma equação que reúne valores, cuja tradução afetiva completa se produz em momentos diferentes. O reclinar atenderia de maneira clara ao prazer daquelas horas de voo. O ângulo reto evitaria a dor do amanhã.

Angústia do egoísta. Ao se livrar do outro – e da consideração pelo seu bem-estar –, não resolveu a complexidade dos múltiplos afetos contraditórios que toda deliberação desencadeia. Mesmo aquelas que têm o eu como única preocupação de quem delibera.

CAPÍTULO 6

Páscoa sem cabana

Shinsetsu é consideração e respeito pela existência e pela posição ocupada pelo outro. Implica, portanto, por parte do agente, a definição de limites da própria ação. Como no episódio do assento reclinado na aeronave.

Ou todas as vezes que, você leitor, mesmo cansado, cedeu o lugar. Com pressa, deixou passarem na frente. Com fome, permitiu que se servissem antes. Com sede, concedeu o último gole. Apertado, deixou usarem o vaso primeiro.

Shinsetsu aparece com clareza, atinge seu esplendor, toda vez que um agente impede a si mesmo de se permitir o que conforta, alcançar o que almeja, de satisfazer o seu

desejo por considerar outra pessoa na hora de decidir o que fazer.

E mesmo que lhe digam: “Essa é a hora de pensar em você”, nosso agente impediu a si mesmo de uma conquista alegradora para não agir em detrimento de um beneficiário cuja existência e cujos afetos leva em conta.

No último feriado de Páscoa pensei em escrever estas páginas na minha cabana em Serra Negra. Mas minha esposa, Marina, queria passar o feriado com os pais. Natália, minha filha caçula, queria encontrar o namorado. E ambas faziam questão da minha companhia. Então, abri mão da cabana e da sua tranquilidade para que Marina e Natália tivessem o feriado que esperavam.

Mas shinsetsu não é só limite. Negação. Deixar de fazer o que prejudica. É também iniciativa. Positiva. É ação. Que ajuda, alegra, arredonda, beneficia, quebra um galho, alivia. É se oferecer para carregar. Dar carona. Levar até a porta. Buscar na cozinha. Levantar para apagar a luz. Preparar um chá. Ir comprar pão. Remédio. Para o outro. Dando primazia às suas necessidades. Identificando sua fragilidade, momentânea ou crônica.

Shinsetsu é nunca se virar para dormir sem que o outro tenha alcançado o máximo de prazer que você puder proporcionar. É abandonar a inércia movendo-se com vistas a produzir efeito alegrador em alguém. Ou meramente redutor da dor.

Minha professora de japonês chama-se Mitsuko Hikaruko. Mora em Atibaia com o marido. Temos aula por Skype. Com ela aprendi o que Shinsetsu quer dizer. Decidi convidá-los para jantar em casa num sábado. Vieram de ônibus até o terminal. Depois metrô. Fui buscá-los na estação. Duas quadras de casa. Jantamos. Muito agradável. Não percebemos o passar do tempo. Ficou tarde.

Entendi que o retorno em metrô e ônibus, como pretendiam, seria penoso. Então decidi levá-los. Relutaram. Muito. Mas eu insisti. Minha esposa, sabendo do meu sono, também veio. Fomos e voltamos. Com a certeza de que proporcionamos um programa bacana que não se tornou penoso ou arriscado no final. Em noventa minutos, estávamos de volta. Exemplo da dimensão ativa de shinsetsu. Iniciativa pelo outro. Proatividade altruísta.

Tendo a própria ação ou omissão como objeto de reflexão, recorreremos à moral como primeira ferramenta

conceitual de referência. Para jogar luz sobre shinsetsu. Claridade e clareza para o nosso olhar. Moral é uma joia do pensamento ocidental. Você já imaginava que as duas têm muito em comum.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Shinsetsu: o poder da gentileza" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).